



REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE DE LETRAS

CUIABÁ

20

2000

40

DISCURSO DE POSSE PROFERIDO PELO ACADÊMICO PEDRO ROCHA JUCÁ

Senhores Acadêmicos: Neste momento tão significativo da minha vida, quando ingresso efetivamente na Academia Mato-Grossense de Letras, peço a Deus e a Nossa Senhora de Fátima que me iluminem o suficiente para ser digno dos ilustres pares que compõem esta Casa. E assim o faço sem falsa modéstia, pois reconheço os méritos dos que hoje me recebem e entendo as limitações da minha capacidade. O que mais me encoraja a aqui comparecer, nesta solenidade proporcionada pela bondade dos Senhores Acadêmicos, é saber que faço do jornalismo um culto de fé neste Estado que me acolheu para sempre e que, indo além da minha pessoa, a Academia Mato-Grossense de Letras procura homenagear a todos aqueles jornalistas que labutam nas redações pela glória de Mato Grosso. Longe de mim, portanto, a pretensão de um Carlos de Castro Brasil. Aqui estou, como jornalista, em nome dos meus confrades, e na esperança de não decepcioná-los na expectativa de garantir a continuidade do trabalho iniciado por ilustres nomes do jornalismo mato-grossense.

Procurarei ser breve neste instante, mas saberei me curvar eternamente aos Patronos desta Academia e ser grato aos Senhores Acadêmicos que me acolhem com tanta bondade e compreensão. Pedro Calmon considerava o pior discurso aquele que fosse longo e Antônio Houaiss dizia que *Em momentos assim, é mister ser breve*. Não será necessário usar muitas palavras para dizer que tudo farei para ser fiel à cultura mato-grossense, esforçando-me ao máximo para ser digno dela e da Cadeira nº 22 que passo a ocupar na Academia Mato-Grossense de Letras.

Permitam-me vasculhar um passado que se repete na imaginação e na realidade da vida. Nasci no sopé da Serra do Araripe, ao romper da aurora de uma manhã de maio, em Crato, Estado do Ceará, no fértil Vale do Cariri. Aos 14 anos já escrevia no jornal estudantil *O Ideal* e um ano depois fundava *A Voz da Mocidade*. Desde cedo, como se vê, já estava palpitando em mim o ideal do jornalismo. Encontrei em meu pai o maior estímulo para tanto. Graças a ele li muitos livros. Admito, sem constrangimento e sim com saudade, que isto nem sempre fazia com satisfação. Ele marcava os trechos que deveriam ser lidos por mim e horas depois fazia a sua avaliação. Se verificasse uma falha qualquer me fazia repetir os trechos em voz alta. E foi assim que me evolui dos livros de história para crianças, povoando a minha mente de muitos *Era uma vez...*, até a autores estrangeiros. Um desses livros, *O caminho da felicidade*, de Víctor Pouchais, se não me falha a

memória, é útil para mim até hoje. Uma de suas recomendações: Beber um pouco de água antes da primeira refeição serve para evitar úlcera. Ou então: respirar profundamente o ar da manhã para purificar os pulmões e o sangue. De Viriato Corrêa obtive valiosos conhecimentos sobre a História do Brasil, naquele seu linguajar para crianças, inclusive sobre o avanço dos bandeirantes paulistas em direção de Mato Grosso. Através do seu livro *História do Brasil para crianças*, tive o primeiro contato com Mato Grosso, que somente vim a conhecer aos 18 anos de idade. Através da leitura consegui meios que me auxiliaram a escrever e assim ficou mais fácil o meu acesso ao jornalismo. Por tudo isto não posso me esquecer do meu pai neste momento tão importante. Hoje ele está sepultado, mas não esquecido, no Cemitério do Primeiro Distrito de Cuiabá, onde também encerrarei os meus dias.

Em Mato Grosso conheci minha esposa e aqui nasceram os meus filhos. Até parece que se repetiu no convívio da família Póvoas, aquele trecho de José de Alencar, na cena em que Iracema leva Martim Soares Moreno à presença do seu pai: *Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos Tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema*. E Araquém completa: *Bem-vindo sejas. O estrangeiro é senhor na cabana de Araquém*. Hoje, sou mato-grossense como os meus filhos. Macaúba virou bocaiúva. Jerimum virou abóbora. Macaxeira virou mandioca. Mas, lembrando uma observação de Rubens de Mendonça, o pardal aprendeu a cantar como o bem-te-vi sem se esquecer das suas origens.

É com o mais profundo respeito que hoje assumo a Cadeira nº 22, até há pouco ocupada pelo inesquecível Carlos de Castro Brasil. A Academia Mato-Grossense de Letras é o templo de uma cultura de quase três séculos. Uma cultura que foi ilhada pela geografia e que rompeu estes séculos com a força magnânima de um povo exemplar. O mato-grossense sempre brilhou, na paz ou na guerra, na História ou na Geografia, nas Ciências ou nas Letras. Aqui, contemplando este cenário de imensa riqueza espiritual, o único gesto válido é a reverência aos Patronos, aos Acadêmicos que partiram para o além da vida e aos Acadêmicos que continuam honrando e dignificando esta Casa .

O meu antecessor na Cadeira n.º 22 era brilhante em todas as suas atividades culturais, com destaque para a oratória, o jornalismo e a poesia. Carlos de Castro Brasil era filho do alferes Joaquim Xavier de Castro Brasil e de dona Alvina de Castro Brasil. Nasceu no dia primeiro de março de 1905, em Corumbá, hoje Mato Grosso do Sul. Depois de períodos de estudos em Campo Grande e Rio de Janeiro, ele voltou a Corumbá e casou-se com dona Lucinda Cristóvão, filha do então cônsul português, Gonçalo Cristóvão. Dessa

união, nasceram os filhos Aldo (já falecido) , Carlos, Hélcio, Hena, Marília e Ronaldo. Ele, *O Grande Tribuna de Corumbá*, dedicou-se sempre ao jornalismo, colaborando nos jornais *O Vagalume*, *A Cidade*, *O Gráfico*, foi redator-chefe de *A Tribuna*, fundou e dirigiu *O Momento* e foi um dos responsáveis pelo surgimento do *Diário de Corumbá*. A fundação de *O Momento* não foi tranqüila e exigiu de Carlos de Castro Brasil uma luta que se prolongou até o Rio de Janeiro, onde conseguiu a licença governamental para que o jornal circulasse. Castro Brasil foi ainda um dos fundadores da Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária, foi um dos que restauraram as colunas da Loja Simbólica Estrela do Oriente, foi um dos fundadores da Loja Simbólica Caridade e Silêncio e foi um dos fundadores da Academia Corumbaense de Letras, ocupando a Cadeira que tem como Patrono Generoso Paes. Embora não tenha publicado livros, a sua obra literária é vasta e rica em forma de sonetos, trovas, reportagens, crônicas, artigos, discursos. Teve êxito em todos os seus empreendimentos, seja como advogado, promotor, administrador, jornalista, professor e poeta, conquistando com o seu verbo fluente a todos aqueles que o liam ou o ouviam. Sua voz calou-se no dia 12 de outubro de 1976, no Dia das Crianças, mas a eternidade orgulha-se de divulgar seus mais de 100 sonetos clássicos, trovas e poesias.

Não morrerá jamais um poeta que assim diz:

SONHO ANTIGO

*Com meu pendão marcial, negro e bisonho,
Eu tomei minha lança e meu broquel,
E à conquista do bem que almejo e sonho,
Parti, montado, altivo em meu corcel.*

*E, tercel minha lança em prol do sonho...
E, venci batalhas, em tropel.
Mas senti, com desânimo medonho,
Que a vitória amargava como fel.*

*Eu sei que sou um louco visionário,
Que caminha na Terra, solitário,
Na incessante procura do ideal.*

*Mas ainda a esperança me conforta;
Pois, se a matéria vil pode ser morta,
- A Alma não morrerá, porque é imortal...*

Há poucos dias estive em Corumbá para cumprimentar sua família. Tive a satisfação de rever dona Hena Brasil de Castro, atual presidente da Academia Corumbaense de Letras. As excepcionais qualidades do seu pai estão cristalizadas nas suas trovas onde são reconhecidas e aplaudidas nacionalmente. Ela me proporcionou a rara felicidade de ler vários manuscritos de Carlos de Castro Brasil. Uma autêntica relíquia de cultura e sabedoria. E a eloqüência do ideal vigoroso do seu autor em formas de letras.

Em memória do grande jornalista Carlos de Castro Brasil nada melhor do que esta citação de outro jornalista, Rui Barbosa: *Quando me consulto a mim mesmo, no mais recolhido exame, forcejando atinar em que teria eu merecido algum apreço dos meus compatriotas, e porque vos inspirais tais simpatias, não acho a meu crédito senão três modestas verbas. Caso, postos de parte os descontos humanos, houvessem de condensar numa síntese o meu "curriculum vitae", e do meu naufrágio salvassem alguns restos, tudo se teria, talvez, resumido com dizer: "Estremeceu a Pátria, viveu no trabalho e não perdeu o ideal.*

O Patrono da Cadeira n.º 22 da Academia Mato-Grossense de Letras é o Visconde de Taunay, nascido no Rio de Janeiro a 22 de fevereiro de 1843. Antes mesmo dele nascer, o nome de sua família já estava ligado a Mato Grosso. O seu tio Adriano, desenhista da Expedição do Barão Langsdorf, com Hércules Florence e outros nomes conhecidos na época, conseguiu chegar até ao Rio Guaporé, em cujas águas veio a falecer em 1828, nas proximidades de Vila Bela. Em 1871, indicado pelo então Visconde de Rio Branco, ele foi eleito deputado pela também então Província de Goiás. Aqui se faz uma citação curiosa, mencionada pelo próprio Visconde de Taunay em *Trechos de Minha Vida*. Interpretando o pensamento da oposição local, Joaquim Serra dizia, a propósito da sua eleição, no jornal *Reforma: Os povos de Goiás aceitando com entusiasmo o candidato que lhe indicou o governo, pedem, tão somente, que lhes mandem o nome traduzido em português.*

Com a divulgação de *A Retirada da Laguna*, mais ligado ficou o seu nome a Mato Grosso. Tendo participado ativamente do que ele chamava Expedição de Mato Grosso, o Visconde de Taunay, recém promovido a primeiro-tenente, com 24 anos de idade, foi recebido na noite de primeiro de agosto de 1867 por Dom Pedro II, que queria o seu relato pessoal. O imperador o ouviu atentamente e lamentou: *Bem, bem, lerei com todo o cuidado as partes oficiais. Mas como foram abandonar feridos e doentes? Enfim. ..Tudo verei.* Durante uma semana, Mato Grosso dominou o noticiário dos jornais do Rio de Janeiro. Por sua participação na campanha de Mato Grosso, o Visconde de Taunay foi agraciado com a Medalha comemorativa da

Retirada de Laguna, que depois se fez extensiva às forças que retomaram Corumbá, juntamente com os demais membros da sua coluna expedicionária. A medalha era oval, com o busto do Imperador de um lado e do outro as palavras: *Constância e Valor*, rodeadas de folhas de louro, suspensa por uma fita azul e amarela. Em 1868 ocorrem dois fatos em sua vida, sendo um triste e outro alegre. Morre em Humaytá o seu estimado amigo capitão de Artilharia João Baptista Marques da Cruz, que servia em Cuiabá. No mesmo ano apareceu o seu primeiro livro, *Scenas de Viagem*, que começou em Coxim e foi continuando em Miranda (Morros) e Nioaque. Os manuscritos foram em parte prejudicados pelas chuvas, em Nioaque. O pai de Visconde de Taunay exerceu um importante papel em sua vida. Ante a sua demora em escrever *A Retirada da Laguna*, o comendador Félix Emílio Taunay insistia: *Tu perdes, Alfredo, o melhor ensejo de te cobrir de glória. E não ficava nisto: Faltas ao teu dever, meu filho, e ao que deves aos teus companheiros mortos, de quem jamais se falará.* A propósito, depois de citar as dificuldades encontradas para iniciar a obra, o Visconde de Taunay revelou: *Certa noite, acordei a horas mortas, perdi de todo o sono, e, na vigília, todos os fatos da retirada se me reproduziram de modo tão claro e tão terrível, que tive violentos calafrios e tremi de emoção e positivo medo. Não perdi, porém, o momento de súbita inspiração. Acendi a vela, saltei da cama, e durante mais de duas horas seguidas tomei febrilmente notas de toda a minha tétrica historia. E houve trechos em que experimentei os arrepios e o pavor da morte, a lembrar por modo tão vivo e inesperado, as cenas e os horrores que eu presenciara e tão depressa me iam fugindo da lembrança.* Com um pouco mais de 24 anos, o Visconde de Taunay concluiu *A Retirada de Laguna* em menos de um mês. Escreveu ainda: *Recordações de Guerra e de Viagem, Ouro Sobre Azul* (romance), *Viagens de Outrora, Philologia e Crítica, Cartas da Campanha e Trechos de Minha Vida.* O romance *Inocência* teve como palco a região de Santana do Paranaíba, hoje Mato Grosso do Sul.

Aqui, neste mesmo recinto, o confrade Gervásio Leite disse certa vez que Estêvão de Mendonça é o nosso historiador maior e mais insigne. E assim também entendo. No jornal *O Estado de Mato Grosso* publiquei um caderno especial dedicado a este ilustre nome da cultura mato-grossense. Hoje, para felicidade minha, aqui está a me receber seu filho, o continuador da sua obra: o Acadêmico Rubens de Mendonça. Os dois se completam, cada um correspondendo ao seu tempo. Há, contudo, traços que individualizam o pai e o filho. Se Estêvão de Mendonça deixou uma obra completa, insubstituível e para sempre, com as suas *Datas Mato-grossenses*, Rubens de Mendonça tem sido nestes últimos anos uma figura ímpar em

nossa literatura, chegando a publicar 46 livros, marca jamais igualada em todo o Centro-Oeste brasileiro. Desde 1959 recebo de Rubens de Mendonça continuadas demonstrações de apreço, tanto nos momentos difíceis como nos felizes, como agora, neste instante tão valioso da minha vida, quando ingresso na Academia Mato-Grossense de Letras. Honrado, agradecido e sensibilizado pela grandeza do seu coração, torno-me pequeno diante da sua cultura e insignificante diante de sua vasta obra literária. Como Secretário perpétuo da Academia Mato-Grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Rubens de Mendonça realiza um trabalho incomparável, sendo difícil o surgimento de outro nome que venha reunir as mesmas qualidades, a mesma vivência, a mesma capacidade, o mesmo empenho, a mesma dedicação. Ao invés de me alongar em reverências à sua consagrada obra, permitam-me os presentes externar o carinho e a estima que sempre dediquei a Rubens de Mendonça, a dona Ivone e a Adélia, em cujo lar sempre fui recebido como um membro da família.

Aproveito a oportunidade para algumas mensagens. Como jornalista, reivindico do Governo estadual a microfilmagem de todos os jornais e revistas já editados em Mato Grosso, pois em nosso Estado se encontra um dos mais importantes acervos da imprensa brasileira. Como professor, gostaria de dizer que as minhas pesquisas, ainda não conclusivas, me encorajam a deduzir que a educação deve se adaptar ao ritmo da velocidade de conhecimento do mundo em que vivemos, com um ensino capaz de acompanhar as conquistas tecnológicas e de melhor aproveitar as máquinas que surgem. Como pesquisador da História de Mato Grosso devo dizer das dificuldades existentes no bom desempenho deste mister justamente por faltar um maior apoio, um melhor incentivo. Se a Carta de Pero Vaz de Caminha demorou dois séculos para ser publicada, quem escreve a História de Mato Grosso tem que ser o pesquisador, o autor e o editor, pois os recursos, quando surgem, são escassos.

No dia 27 de agosto passado o jornal *O Estado de Mato Grosso* completou 42 anos de existência. É por isto, uma relíquia do registro histórico, em termos de jornal, da História Mato-Grossense Contemporânea. Mesmo assim, e a despeito da grande atenção que sempre proporcionei à sua coleção nos últimos 22 anos, muito está perdido da sua longa existência. Como se sabe, o jornal *O Estado de Mato Grosso* foi fundado para comemorar o primeiro centenário da circulação do primeiro jornal do nosso Estado, *O Themis Mato Grossense*, no dia 15 de agosto de 1839. Como se vê, o jornalismo em Mato Grosso já conta 142 anos e relativamente pouco existe deste imenso acervo. Com a microfilmagem aqui reivindicada seria possível a conservação, a

exemplo do que já ocorre em algumas Capitais brasileiras, dos títulos de jornais ainda em circulação. Somente quem vive dentro de um jornal, sentindo o seu relacionamento com a comunidade, entende melhor o significado de um trabalho desta natureza. Se a notícia do dia é importante, mais importante ela se torna quando for mais antiga e mais necessária para atender a este ou aquele interesse. O governador Frederico Carlos Soares de Campos, aqui presente, poderia nos proporcionar nesta noite a alegria de uma resposta afirmativa a esta reivindicação, sumamente necessária à preservação do patrimônio histórico de Mato Grosso dos nossos dias.

Ao defender a conveniência de se implantar uma nova metodologia de ensino sei que estou avançando bem além dos dados disponíveis e dos indicadores e variantes possíveis em nossos dias. Contudo, não temo arriscar em previsões que me permitem dizer que dentro de poucos anos haverá uma radical mudança na área da educação. Tentando resumir a minha argumentação, poderíamos acrescentar que o mundo está sofrendo hoje a maior e a mais rápida transformação de toda a história da humanidade. Do Século XV para cá, com a descoberta do tipo móvel, por Gutenberg, esta velocidade vem se acelerando assustadoramente e de uma forma tal que o computador se integra cada vez mais ao nosso dia-a-dia. Dentro de poucos anos, por exemplo, se a informática não chegar às nossas escolas, teremos um novo tipo de alfabeto. Das 450.000 palavras conhecidas no inglês atual, a título de ilustração, William Shakespeare teria condições de entender, se renascesse hoje, apenas cerca de 250.000 delas. Melhor explicando, a língua inglesa seria um semi-analfabeto. E o nosso Camões? E a carta de Pedro Vaz Caminha?

Quando publiquei *Melhor Aproveitamento do Cérebro na Educação* no jornal *O Estado de Mato Grosso*, durante quase um ano, afirmei que já são evidentes os sinais de desajustes observados na área de transmissão de conhecimentos e alertei para o fato disto ser danoso para a evolução sócio-econômica da humanidade. E disse mais: dá-se excessiva importância ao computador e o cérebro humano, uma dádiva divina, fica relegado a um plano inferior. O advento da imprensa acelerou o processo de captação, pesquisa e elaboração de conhecimento. Praticamente tudo que influiu no Século XX vem surgindo a partir de um pouco mais de cem anos. E, sem medo de errar, diríamos ainda: o Século XXI se aproxima rapidamente, já estamos em 1981, e nestes 19 anos que restam a revolução tecnológica mudará até mesmo os nossos comportamentos. Antevejo os meios de comunicação influenciando diretamente no homem do amanhã. O avanço tecnológico é tão rápido que nem mesmo as exigências comerciais

conseguem freá-lo. Temos o exemplo recente da televisão com som estereofônico, que somente deveria ser lançada oficialmente neste mês de setembro, na Alemanha Ocidental, mas que teve rompido uma espécie de *acordo de cavalheiros* já no mês de maio passado. Antevejo, ainda, em função dos avanços que ocorrerão nos meios de comunicação, maior número de alunos para um menor número de professores e de escolas, e o conseqüente menor investimento na área do ensino em função da maior rentabilidade obtida.

Mas vivemos ainda de acordo com métodos superados. As nossas crianças são forçadas a elaborar cálculos com a tradicional tabuada, quando a máquina de calcular, cada vez menor e mais barata, ainda sofre resistências. Com os meios de comunicação teremos a futura educação de massa, a baixo custo.

Para o astrônomo norte-americano Harvey Butcher, *não temos provas nem de que estamos sós, nem de que existem outras entidades pensantes*. O universo é ainda um grande desconhecido. É verdade que várias conquistas já foram obtidas. Já foi provado, por exemplo, a existência de *moléculas da vida* na atmosfera de Titan, o maior dos satélites de Saturno, quando da passagem da sonda norte-americana *Voyager I*. O *Voyager II*, por sua vez, atingirá Urano em 1986, três anos depois passará próximo do desconhecido Netuno. Vivemos na galáxia chamada *Via Láctea*, onde o nosso Sol é apenas uma das 400 bilhões de estrelas nela existentes. A galáxia mais próxima da nossa é a de Andrômeda, existindo ainda outras galáxias menores também conhecidas, as chamadas *Nuvens de Magalhães*. Esta imensidão toda, se comparando-se ao infinito do universo, não passa de algo tão insignificante, tão microscópico, que o homem precisa assumir duas formas de comportamentos: de humildade e de fé permanente em Deus, o Grande Arquiteto do Universo. E, se Deus nos fez à sua semelhança, é impossível, inconcebível, que a humanidade tenha um campo de conhecimento tão restrito. Não pretendemos nos comparar à infinita sabedoria divina, mas temos de entender que somos parte deste universo, onde se estima existir de 100 a mais bilhões de galáxias. Deus, com infinita bondade, nos proporcionou um cérebro com imensa capacidade de raciocínio, que deve ser melhor utilizado pelo homem.

O importante agora é saber como utilizá-lo. O cérebro tem apenas 1.500 gramas em média de peso, é formado por uma massa gelatinosa de 14 bilhões de células, compondo o mais perfeito complexo eletrônico que se possa imaginar. É constituído por dois hemisférios cerebrais, o esquerdo e o direito, repletos de sulcos, e que terminam por um pequeno tronco conhecido

como o tronco cerebral, e por uma massa menor, triangular, conhecida por cerebelo. Segundo Camilo Dello, *sem o córtex nenhuma sensação seria percebida, nenhuma ordem dada, nenhuma palavra pronunciada*. Ai estão as 14 bilhões de células que são especializadas em receber, conduzir ou emitir mensagens. Se o hemisfério esquerdo é criativo o direito é estético, artístico. Está provado que os dois hemisférios *dialogam* entre si e que cada um pode *pensar* por si, de acordo com as suas habilidades. Contudo, este é ainda um mundo desconhecido. Sabemos apenas que todos nós temos um cérebro igual ao de Albert Einstein e que se usássemos 6% da capacidade natural que temos seríamos um gênio. Por isto, continuo pesquisando na área da educação, do ensino, visando o melhor aproveitamento do cérebro. Talvez não atinja, por incapacidade ou outros fatores, o meu objetivo, mas sou como aquele plantador de castanhas, octogenário, das histórias de califa Harum-el-Rachid, que assim explicava o porque de sua vida: *Tenho prazer em plantar esta árvore. Não importa se eu ou outros colherão as castanhas. Eu também comi dos frutos de árvores plantadas por meus pais e avós*.

Na pesquisa histórica, também, se aplica o exemplo do plantador de castanhas. Trata-se de um trabalho muitas vezes anônimo, muitas vezes incompreendido, e geralmente árduo, difícil, com barreiras que surgem desde o momento da pesquisa em si, passando pela sua elaboração, montagem e conclusão, e indo até à edição e à publicação dos resultados obtidos. Os autores mato-grossenses têm contra si a carência de recursos para levar suas obras ao conhecimento do público em geral, que, no fim, é o grande beneficiado, pois já recebe um material literário concluído. O caso de Rubens de Mendonça, com 46 livros já publicados, é inédito em Mato Grosso, e assim mesmo ele ainda tem outros títulos a publicar e se depara com as barreiras de custos. O confrade Luis-Philippe Pereira Leite, outra grande expressão da literatura mato-grossense, chega ao ponto de pagar todas as despesas com a publicação dos seus livros. Qualquer obra literária é uma contribuição valiosa ao presente e ao futuro, trazendo imagens que não podem ser esquecidas, notadamente do passado.

Cícero dizia que a História é a *mestra da vida*. A propósito, lembro um fato ocorrido na Prússia. O rei Frederico, o Grande, queria aumentar os limites do seu parque, denominado *Sans Souci*, e para tanto precisava comprar a propriedade vizinha, de um moleiro. Este se recusou a vender a área. O rei Frederico mandou chamá-lo e insistiu com a compra. O moleiro não concordou, pois ali havia morrido o seu avô e ali tinham nascido os seus filhos. Não venderia por qualquer preço. O poderoso monarca perdeu a paciência diante daquele seu súdito e perguntou : *Você não sabe que eu*

posso tomar suas terras sem pagar? O moleiro, contudo, estava confiante: Poderia, se não tivéssemos juizes em Berlim. Encantado em saber que no seu reino se confiava tanto na justiça, o rei Frederico disse aos cortesãos que os planos de ampliação do parque seriam modificados. E, virando-se para o moleiro, acrescentou: Vizinho, guarde sua terra. Gostei muito de sua resposta. Os anos se passaram e um século depois o fato teve seu desdobramento. Um bisneto do famoso moleiro de Sans Souci estava enfrentando dificuldades financeiras e procurou o rei de então, descendente do rei Frederico, o Grande, e comunicou a sua decisão de vender o moinho. A resposta do rei veio numa carta em que dizia: Meu caro vizinho. Seu moinho não é meu e nem seu. Pertence à História. É para nós, portanto, impossível a você vendê-lo e a mim comprá-lo. Como, entretanto, os vizinhos devem ajudar-se uns aos outros, remeto-lhe uma ordem de pagamento de 10.000 florins, que você poderá receber no Tesouro.

Como fazer justiça aos que trabalham incansavelmente na transmissão da história e na preservação da memória de Mato Grosso? Prestigiando a Academia Mato-Grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, proporcionando aos seus membros os recursos disponíveis para que possam publicar os seus livros. Realizamos hoje a primeira sessão da Academia Mato-Grossense de Letras após a reforma da Casa Barão de Melgaço, cujas obras foram autorizadas pessoalmente pelo governador Frederico Carlos Soares de Campos, aqui presente, e recebendo o título a que tem direito de presidente de honra do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Dele esperamos muito, pois Mato Grosso é um manancial permanente de grandes homens, alguns deles patronos de cadeiras desta Casa, onde ingresso orgulhoso dos meus novos pares e agradecido pela generosidade que me proporcionaram, acolhendo este cuiabano-cearense que ama demais Mato Grosso e admira profundamente o valor e a fibra daqueles que construíram a glória deste Estado.

Com meu *muito obrigado* pela presença de todos, aqui fica um compromisso sagrado: o de sempre ser digno deste instante, desta Academia Mato-Grossense de Letras, e deste Mato Grosso onde de vi florescer o meu amor a Mindinha, onde nasceram os meus filhos Marcelo, Márcia Fátima, Marcos e Mauro, e onde espero viver muito até o dia em que terei cumprido minha missão a Terra.